

AS DONAS DO BAILE: AS MULHERES TRABALHADORAS NOS CLUBES DANÇANTES DO RIO DE JANEIRO (1894-1924)

Aluna: Aline Carneiro do Nascimento
Orientador: Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Introdução

Durante o início da Primeira República, os trabalhadores do Rio de Janeiro encontravam na música e na dança sua principal fonte de lazer e diversão. Assim, os bairros do subúrbio carioca contavam com inúmeros clubes e associações de caráter dançante e carnavalesco a partir de fins do século XIX e início do XX. Tais grêmios além de se constituírem como um dos únicos espaços de lazer para os trabalhadores de baixa renda, também se convertiam em arenas privilegiados do processo de criação de identidades e de resolução dos conflitos cotidianos daqueles que os freqüentavam.

Dentre a diversidade de trabalhadores homens que freqüentavam as atividades dos clubes dançantes, destacava-se a presença das mulheres. Por mais que muitas vezes não chegassem a aparecer no quadro de associados desses grêmios, elas eram presença constante nas atividades promovidas por essas associações. Ainda que sua participação fosse legitimada somente pelo casamento ou pela relação de parentesco com algum dos homens que faziam parte da lista de sócios, essas mulheres apareciam assim como participantes ativas dos bailes, desfiles e outras atividades patrocinadas por cada clube – sendo preciso, por isso, analisar o sentido de sua participação nesses espaços.

Objetivos

Se a finalidade dançante desses grêmios faz parecer natural a presença de mulheres nas atividades por eles patrocinadas, o fato de que elas não chegassem a aparecer como sócias coloca-se como um problema a ser investigado. Ainda assim, dada o papel secundário ao qual estavam relegadas as mulheres do período no que se refere aos espaços públicos, dentre os quais aparecem os centros recreativos, não deixa de ser singular o a importância da participação de mulheres nos pequenos clubes dançantes formados por trabalhadores.

Segundo nos aponta Sueann Caulfield, no Brasil da Primeira República havia a crença de que a mulher era mais frágil física e psiquicamente, e seria mais suscetível à contaminação moral e física. Desta maneira, as mulheres deviam se manter somente na segurança dos locais privados. Frente a tal idéia, teria se estabelecido uma clara associação entre espaço privado e as mulheres puras, e entre o espaço público e mulheres impuras. Frente a tal categorização, cabe investigar o sentido d presença feminina nos espaços dos clubes recreativos, como bailes e desfiles – pois ela pode nos ajudar a perceber as dicotomias estabelecidas pela lógica senhorial masculina.

Metodologia

Tomando-se como ponto de partida a evidência de que a presença feminina nas atividades dos pequenos clubes dançantes se constitui como um objeto importante para se compreender a mudança nos papéis e espaços ocupados pelas mulheres, esta apresentação se propõe a investigar o perfil das mulheres que tomavam parte nas atividades promovidas pelas pequenas associações de caráter recreativo e dançante. Para tanto, pretende-se recorrer tanto à documentação policial sobre esses clubes, guardada pelo Arquivo Nacional, quanto a periódicos como o Jornal do Brasil - folha que, a partir de 1894, passou a elaborar uma nova proposta de jornalismo, voltada para cobrir reivindicações e manifestações populares. Enquanto a documentação oficial reforça o perfil masculino de tais grêmios, folhas como o Jornal do Brasil, ao dedicar algumas de suas páginas a cobrir notícias referentes aos espaços recreativos formados pelos trabalhadores e divulgar suas atividades, faziam de suas páginas um espaço de exposição mais informal de suas atividades. Com isso, esses jornais nos permitem acompanhar, no cotidiano desses clubes, o modo pelo qual se operava efetivamente, entre os diversos clubes de dança que existiam à época na cidade do Rio de Janeiro, a participação feminina.

Realizando-se uma análise das notícias do Jornal do Brasil já é possível, assim, identificar a relevante presença feminina nas atividades realizadas pelos clubes recreativos. Tais mulheres são apresentadas ora como um elemento a mais para abrilhantar os salões de baile, ora como sujeitos ativos das atividades realizadas. Elas cantam, dançam e tocam instrumentos, chegando mesmo a ocupar cargos na diretoria quase sempre reservados aos homens - como secretárias, tesoureiras e até mesmo presidentes de tais associações. Deve-se notar que o pretense caráter familiar destas associações recreativas permite que as mulheres possam transitar em seus espaços a salvo da classificação na categoria de impuras.

Conclusão

A importância deste trabalho, ainda em fase inicial, está assim em demonstrar como o elemento feminino começa a entrar em cena nos espaços públicos da Capital Federal entre os séculos XIX e XX, e desta maneira adquirir, ainda que aos poucos, certo espaço de autonomia e ação em uma sociedade fundada com base em uma lógica senhorial e masculina.

Referências

1- CAULFIELD, Sueann, "A honra nacional, a família e a construção da cidade maravilhosa", in *Em defesa da honra*, Campinas, Ed. da UNICAMP, 2000.

3- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, "O Prazer das Morenas":

"Bailes, ritmos e identidades nos clubes dançantes da Primeira República" in *Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*, Rio de Janeiro, Apicuri, 2010.